



D'Annunzio na época de Paris

(1) No artigo anterior, quem ofereceu um almoço a D'Annunzio não fui eu, não. Foi o tipógrafo quem o fez deglutir toda a Gênese e o Evangelho de S. João. Eu não o farçaria a tanto, o mais que eu o fiz foi alcançá-lo. Em outras palavras, em vez de alcançar sua imprensa almoço. O que parecerá a muitos o cúmulo de irreverência, não só a D'Annunzio, como também a aqueles dois livros sagrados. De resto, não é a primeira vez que os tipógrafos se enganam. Haja vista o caso histórico da rosa de Malherbe que se tornou clássico e constitui lugar-comum — também men — de qualquer luxo literário. Nesses casos o revisor pôde ser considerado co-proprietário e cúmplice da glória ou da contravenção literárias. E muitos outros casos se deram. Se não me engano, o Sr. Agrippino

Grieco escreveram um substancioso artigo domingueiro sobre erros tipográficos. Isto aconteceu no tempo em que ele ainda recebia os cem ou cento e cinquenta mil réis semanais de "O Jornal".

Esse libertino, que se vestia de frade para escrever, tinha por fórmula literária: "Renovar-se ou morrer". Esta seria, dizia ele, a fórmula do artista completamente original. Não há dúvida que ele se renovou muitas vezes, mas a custa dos outros. Quando Enrico Thovez o senou de andar surrupiando autores nacionais e estrangeiros, ele escreveu um artigo cinzissimo, de respeito, para um diário de Paris. Ali ele confessa que de facto tirara alguma dos seus contemporâneos e dos seus antecessores. Mas que diabo, dizia ele, muitos outros também fizeram o mesmo; e, na arte, originalidade e imitação são uma só coisa. Como se vê, desculpa de mau pagador... O que revolta mais é o cinismo. E depois de decorar frases alheias e montar um cavalo do proximo, grita para todos os recantos que é original, repentista, surpreendente. Tudo neste homem está nas altitudes, nas formas, na indumentaria, no colorido. É um eterno narciso da sua espontaneidade, do seu brilho, da sua erudição. Erudição que por sinal bem duvidosa. Para não sair do cartaz e não ser esquecido, ele escreveu Francesca da Rimini em italiano do XIII século, que Isidoro del Lungo achou correto, e Le Martyre de Saint Sébastien em francês. Até nisso ele repetiu Balzac e Anatole, que já haviam escrito em francês do tempo de Rabelais. Também imitou Balzac ao vestir-se de frade. Sempre secundario... A única característica que ele poderia ter reclamado como sómente sua, nenhum outro escritor de merito a desejaria. Sómente as meninas adolescentes e histericas se sentiriam ofendidas por se sentirem furtadas naquilo que elas se julgavam absolutas: alvoroço e lágrimas amorosas. Dizem os agentes de publicidade de Hollywood que D'Annunzio fez uns versos liricos a Iva Miranda, e que ela os esconde de todos, principalmente, de seus pretendentes...

Tudo isso que é de espantar em D'Annunzio, já não o seria, por exemplo, em Anatole, também acusado de inspirações clandestinas. Não há dois tipos tão diferentes. Anatole, que nunca se teve por original e nem buscou fama e celebridade, citava em sua defesa a seguinte frase de Molière, segundo a qual os genios apantam seu bem onde

o encontram. "Il l'emportent et ne font qu'y donner un tour nouveau", disse M. Bergeret, alias muito lido em cronistas antigos e medievais...

A proposito, vale a pena contar uma anedota que se passou entre os dois escritores de barbicha — unica semelhança que os aproximava, — a outros respelhos tão opostos. Escreve Paul Gisell, em Propos d'Anatole France, que estava o creador de Coignard, em casa, dando conselhos sobre teatro a um jovem autor, quando recebeu um livro. Era Pisanelle de D'Annunzio, com a seguinte dedicatória, que ele leu em voz alta: "A Anatole France, à qui tous les visages de la Vérité et de l'Erreur sourient pareillement". Ao que Anatole exclamou: "C'est un coup de patte, mais très joliment lancé, ma foi!" A seguir passou a contar a anedota, prometida linhas atrás; repelia-se a Pisanelle, no Château, quando um reporter foi entrevistar o autor. Em meio da conversa, reparou o jornalista no grande camaleão antigo que D'Annunzio trazia no dedo. Não pôde conter uma palavra de admiração.

— Agrada-vos? — perguntou D'Annunzio. E ato contínuo, retirou o anel do seu dedo e colocou-o ele proprio na do visitante, indifferente aos protestos deste ultimo. Ao sair da entrevista, o reporter correu a um joalheiro para averiguar o valor da oferta. Ainda á distancia, sem o auxilio da lupa e simplesmente a olho nu, o lapidario foi logo lhe dizendo: isso é um pedaço de vidro comum. Vale, no máximo, quatro soldos. "Ôn je conclus, terminou Anatole, que Gabriele D'Annunzio est un excellent auteur dramatique".

Esta anedota é um retrato symbolico de D'Annunzio. Na vida, ele nunca passou de exhibicionista de joias falsas, de um pintor de modelos suspeitos, de um general de soldadinhos de chumbo. Esse pedante insipido, esse moderno pervertedor da mocidade — mas que não teve coragem de beber ciência, — percorreu muitos autores e muitos livros como certas visitas cleptomanas que nos carregam objetos de estimação; por onde passou, ele levou um pedaço de página. O mais estranho é que muitas vezes a proprio roubado era o primeiro a excitar escândalo. Procurava abafar o incidente com medo de se comprometer. Poderiam pensar que ele também fosse moedeiro falso. Muitas vítimas já haviam morrido. Encontram-se entre elles: Péladan, Goethe, Carducci, Maupassant, Villon, Nietzsche e Flaubert. Além de Horacio, Virgilio, Ovidio, Anacreon-

Ainda D'

Evaristo de Moraes
(Especial para D'

te e todos os grandes tragico: gregos.

Produzindo por atacado, inundando as livrarias com seus delirios, dizia o morador de todas as vilas italianas possuir um demonzinho especial para sua inspiração. Em algumas poesias, porém, ele não foi muito feliz com o seu demonio. Este trabalhava para mais de um patrão. Era amnesico. Esquecia-se de que já havia murmurado diabolicamente ao ouvido de um outro a mesma frase, a mesma idéa, a mesmíssima poesia. Ou antes, esse demonio exercia o serviço de espionagem para D'Annunzio junto aos outros escritores. Tratasse, como se vê, de um simples caso de guerra. E como na guerra tudo é permitido...

Onde seu virtuosismo explode no mais alto grau de paroxismo é em Il fuoco. Mais parece um ataque histerico ou uma estranha colica cerebral, do que um romance. Todos os personagens são genios, grandes artistas, fantasticos. Stello Effrena é uma especie de duce para seus companheiros e para sua amante, inspiradora. Perdita. O ideal artistico de Effrena é "criar com alegria", é ser super-homem, alcançar o seu meio-dia, enfim ideais todos do Zaratustra, de Nietzsche e de alguns heróis de Goethe. A maior influencia deste ultimo foi por sua frase: vive a vida intensa, resoluta e belamente. E a de Nietzsche: vive perigosamente.

O "Innocente" foi plagiado de Uma partie de campagne, de Maupassant, apparecida em 1881. Aproximase também da peça Musotte, do proprio Maupassant. Esse é o livro mais celebre de D'Annunzio. Foi aproveitado pela ciência e o seu personagem principal, Tullio Hermil, é dado como exemplo de criminoso por ciúmes. É um romance irrevel, profundamente erotico e sensual. Este Sr. Hermil classifica-se desde o inicio entre os tipos superiores, para ele tudo é permitido. Já houve quem exerceasse D'Annunzio por baixo do pelo de Hermil. Quanto mais que toda sua obra é de natureza auto-biografica.

Vejamos agora algumas amostras de plágios de D'Annunzio, dadas por

Annunzio

Moraes Filho OM CASMURRO)

Thore. A primeira vítima foi Gustavo e Aubert. Quasi que ele fez, em italiano, uma segunda edição de A tentação de Santa Antonio.

Flaubert:

"Les marchands d'Alexandrie naviguent les jours de fête sur la rivière de Canope et boivent du vin dans des calices de lotus".

D'Annunzio — Balada das damas sobre o rio (Elegias romanas):

I nitidi mercanti Alessandria,
profundi di cinnamo e d'ia-
[sopo,
beccan sulla riviéra di Canope
nei calici del loto, i rossi vini.

Mesmo livro de Flaubert:

"Il est jeune, imberbe... et les perles de sa tiare brillent doucement comme des lunes".

D'Annunzio — Asiatico:

"... Le perle della sua tiara Splendeano vagamente come lune.

Ainda Flaubert, no mesmo livro, em diferentes páginas:

"Aux coins du dais étendu sur la tête quatre colombes d'or sont posées..."

De la coupole pendant à des fils que l'on n'apercevait pas, quatre grands oiseaux d'or, les deux ailes étendues.

Un dromadaire, chargé d'outres percées, passe et revient, laissant couler de la verveine pour rafraîchir les dalles.

Des clochettes d'argent qu'ils portent sous la mâchoire."

D'Annunzio:

Quattro colombe d'oro con
[l'ali tese
in alto, tra le frange di
[Palmira
a invisibili fili eran sospese,
Due dromadari, aventi in su le
[schiena
Otri forati ad una campanella

di fino argento sotto la ma-
[scella
spargean su i marmi estenza
[di verbena.

Mais uma vez o mesmo livro de Flaubert:

"Le secret que tu voudrais tenir est gardé par les Sages. Ils vivent dans un pays lointain, assis sous des arbres gigantesques, vêtus de blanc et calmes comme des dieux. Un air chaud les nourrit. Des léopards tout à l'entour marchent sur des gazons. Le murmure des sources avec le hennissement des licornes se mêlent à leur voix..."

Ainda Elegias romanas, de D'Annunzio:

L'hanno in custodia i Sagi. A
l'ombra d'un arbore immensa
candidi nelle vesti, placidi
[come iddii,
vivono. Un'aria calda li nutre.
[Su l'erbe d'interno
rapidi i leopardi piegano i
[dorsi gai.
Il mormorio dei fonti, il sus-
[surro dei rami, il sommesso
fremito de le balve mescesi
[alle parole.

E o assalto à obra de Flaubert ainda continua. Outro roubado, também, foi Bandolair. Até Maeterlinck não escapou:

"Les vierges du couvent regardaient passer les vaisseaux sur le canal, un jour de jeûne et de soleil..."

D'Annunzio — Tristeza desconhecidas (Poemas paradisíacos):

Le suore, alle finestre
del convento, sul fiume
guardano passar le barche:
guardano mute e sole
mute e digiune al sole.

Outro exemplo de Maeterlinck —
[sic] *Les vierges du couvent*:

"Les prisonniers qui enten-
dent fancher l'herbe dans le
jardin de la prison... ils sont
pâles comme des malades qui
écoutent pleuvrir sur le jardin
de l'hôpital."

D'Annunzio:

I prigionieri assale
n'annia; fanchi lenta
falciano d'erba nuova,
e la prigione intorno.

Gli infermi (inclina il giorno)
pallidi sul guanciale,
aspettano la piova
battera dolcemente
l'orto dell'ospedale.

Depois de Maeterlinck, D'Annunzio resolveu visitar também a casa de Maupassant. Roubou-lhe um pouco. Quasi todas as Novelle della Peccata de D'Annunzio são inspiradas em Maupassant. Basta um simples exemplo dispensando os muitos outros que dá Edouard Mayniel.

Guy de Maupassant — Anc:

"La peau de sa tête semblait couverte d'un duvet vapeurux, comme le corps d'un poulet plumé qu'on va flamber. Il semblait n'avoir jamais eu d'autre barbe qu'une brosse de courtes moustaches et une pincée de poils raides sous la lèvre inférieure. Il avait cet oeil vil qu'ont les gens tracassés par des inquiétudes légitimes et les bêtes souvent traquées..."

Gabriele D'Annunzio — Fattura:

"Son crâne était couvert d'une sorte de duvet semblable à celui d'une oie grasse toute plumée et qu'on va flamber. Il portait des

moustaches dures et taillées comme une brosse. Ses yeux ronds, vifs et mobiles, traquaient une inquiétude incessante, comme ceux des bêtes traquées..."

Ainda outros exemplos foram dados por Camille Pitoulet, por Georges Maurevert e por A. Lumbroso. Ele ainda plagiou o En mer, Kismet, Abandonné, Picelle e Le retour de Maupassant. Os seus Sonetti delle Fate são traducções directas dos de Jean Lorrain. Mostra ainda Lumbroso os seus empréstimos a Nietzsche, Dostoiewsky, Shelley, Keats, Swinburne.

Victor Hugo — L'Élégie des Fléaux (Légende des Siècles):

France, France, sans toi le
[monde serait seul!]

Gabriele D'Annunzio — Les amitiés Françaises:

"France, France, sans toi le
[monde serait seul!]"

O que ficará dele? perguntarão. Só o título dos livros...

EVARISTO DE MORAES

(1) — Ver o n. 42 de DOM CASMURRO.